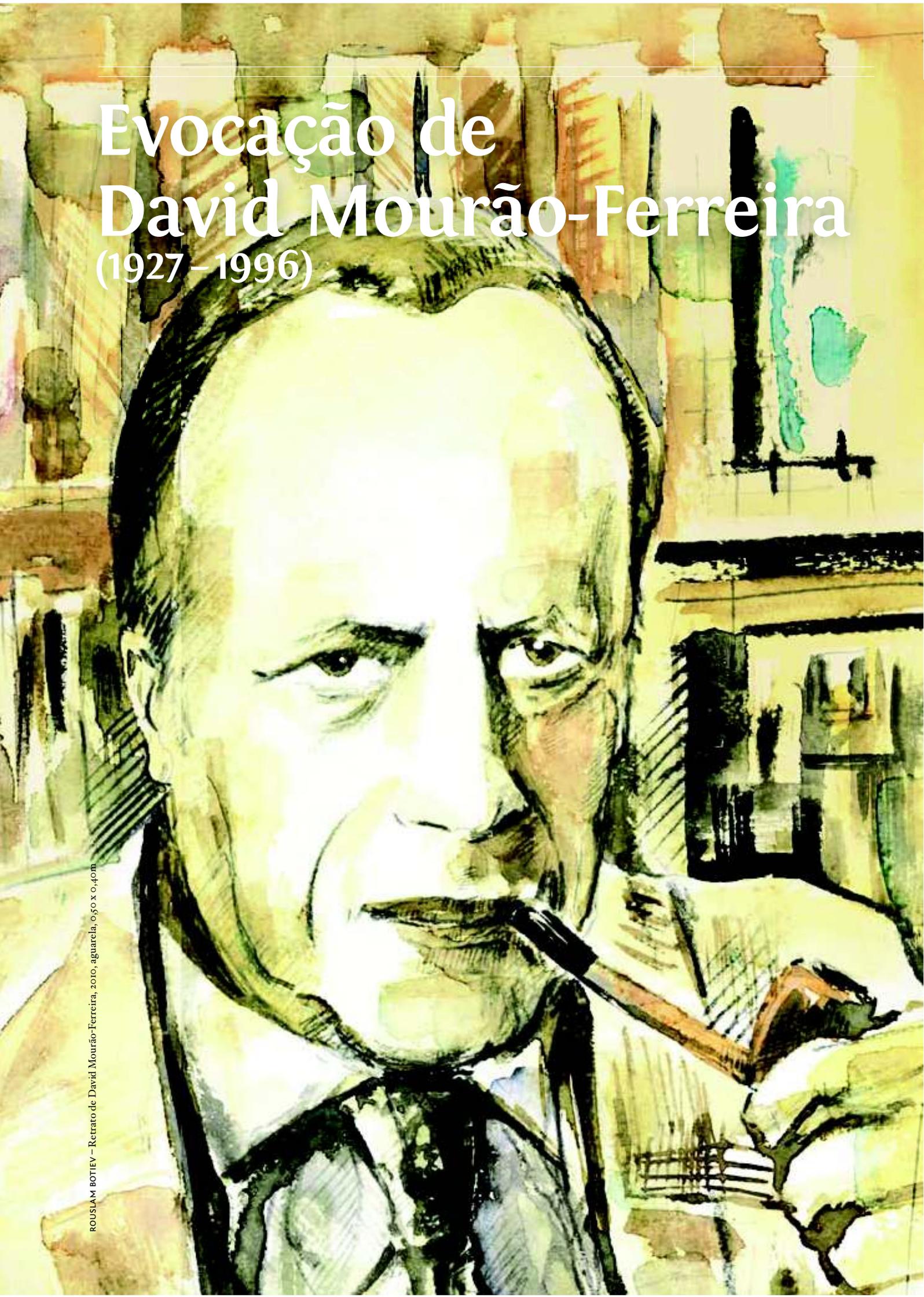


Evocação de David Mourão-Ferreira (1927 - 1996)

ROUSLAM BOTIEV - Retrato de David Mourão-Ferreira, 2010, aguarela, 0,50 x 0,40m



Escritor português (Lisboa, 24.2.1927 – Lisboa, 16.6.1996): poeta, ficcionista, tradutor, dramaturgo, ensaísta, cronista, crítico literário, conferencista, professor.

Licenciou-se em Filologia Românica (1951) com a tese *Três Coordenadas na Poesia de Sá de Miranda*, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Integrou os corpos redactoriais das revistas *Seara Nova* e *Graal* (1956–1957). Teve a seu cargo a rubrica de crítica de poesia no *Diário Popular* (1954–1957). A partir desse ano exerceu funções docentes na Faculdade de Letras como assistente, tendo desenvolvido um excepcional trabalho de organização e regência da recém-criada cadeira de Teoria da Literatura, onde desenvolve estudos pioneiros, entre nós, sobre o *new criticism*. Em 1963 o seu contrato foi rescindido, vindo a ser novamente reconduzido a partir de 1970, leccionando Literatura Portuguesa e Francesa, tendo-lhe sido concedido, nos últimos anos de vida, o estatuto de Professor Catedrático Convidado. O seu magistério marcou sucessivas gerações de estudantes, muitos dos quais se contam hoje entre as mais prestigiadas figuras da universidade portuguesa e do ensaísmo literário.

Desempenhou as funções de Secretário Geral da Sociedade Portuguesa de Autores (1965–1974) e dirigiu o diário *A Capital* (1974–1975). Exerceu em três governos o cargo de Secretário de Estado da Cultura (1976–1979), foi vice-presidente da *Association Internationale des Critiques Littéraires* (1984–1992), presidente da Associação Portuguesa de Escritores (1984–1986) e do Pen Club Português (1991). Foi director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian (1981–1996), bem como da revista *Colóquio-Letras* (1984–1996), propriedade da mesma instituição. Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa (onde sucedeu a Vitorino Nemésio na cadeira n.º 23). Sócio-Correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Membro titular da *Académie Européenne* de Paris, viria também a ser agraciado com as mais prestigiosas condecorações de Portugal, do Brasil e de França. O nome de David Mourão-Ferreira ficaria também ligado ao de Amália Rodrigues, que interpretou cerca de duas dezenas dos seus poemas.

Como autor, D.M.-F. publica os seus primeiros artigos em 1942, no jornal *Gente Moça*, órgão dos estudantes do Colégio Moderno. As primeiras poesias viriam à luz nas prestigiadas páginas da *Seara Nova*, em 1945. Todavia, é pelo teatro que o seu nome começa a aparecer com alguma regularidade nos jornais, tendo colaborado como autor e actor entre 1948 e 1951, sob a direcção de Gino Saviotti, no Teatro-Estúdio do Salitre, o qual constituiu, sob a bandeira

do “essencialismo”, o mais inovador movimento de Teatro Experimental dos Anos Quarenta, vindo aí encenados o poema dramático “Isolda” e a comédia “Contrabando”, respectivamente em 1948 e 1950. Ainda neste ano funda, com António Manuel Couto Viana e Luís de Macedo, as folhas de poesia *Távola Redonda*, em cujas edições daria à estampa o seu primeiro livro de poesia – *A Secreta Viagem*.

D.M.-F. foi um dos mais fecundos teorizadores da *Távola Redonda*, defendendo o equilíbrio, a coerência e a proporção entre os motivos e a técnica, entre os temas e as formas, procurando conciliar os valores da tradição e da modernidade, revalorizando o lirismo, recusando a imediatez da inspiração e o aproveitamento da poesia para fins utilitaristas, demarcando-se do neo-realismo. Este ideário ver-se-ia plasmado na sua futura obra, a qual, do ponto de vista técnico, representa a feliz aliança da força criadora e da construção rigorosa, sendo geralmente considerado como detentor da melhor oficina poética da sua geração.

Até à publicação de *Um Amor Feliz*, em 1986, D.M.-F. insistia em dizer que tinha consciência de que a sua obra não teria um vasto público, mas que, em contrapartida, possuía leitores fiéis. Este romance viria indiscutivelmente aumentar-lhe o número desses leitores, continuando a ser objecto de sucessivas reedições. No dia seguinte à conclusão do romance, escreve: “Um Amor Feliz: um cântico de amor e de paixão erótica; uma sátira política a certa nova sociedade portuguesa; um romance do romance em que se vêem acareados o narrador e o autor; um ajuste de contas comigo mesmo”. Se pensarmos que desde os dezoito anos deixara de lado sucessivos romances inconclusos, entenderemos que contas seriam aquelas, que assim ajustou. Artur

David Mourão-Ferreira foi um dos mais fecundos teorizadores da “Távola Redonda”, defendendo o equilíbrio, a coerência e a proporção entre os motivos e a técnica, entre os temas e as formas, procurando conciliar os valores da tradição e da modernidade, revalorizando o lirismo, recusando a imediatez da inspiração e o aproveitamento da poesia para fins utilitaristas, demarcando-se do neo-realismo.

Ramos realizou a partir deste romance uma série televisiva de quatro episódios, apresentada pela RTP em 1990. Anteriormente, de duas das quatro narrativas de *Garvotas em Terra* tinham sido extraídas duas longas metragens: “Fado Corrido” (1964), por Jorge Brum do Canto, e “Sem Sombra de Pecado” (1983), por José Fonseca e Costa.

Atentando nas sucessivas reedições da sua poesia, verificaremos que os volumes constituem organismos vivos, coerentes, nos quais os diversos textos se inter-respõem, contando “histórias” diferentes, consoante as seriações que o autor lhes conferiu, em diversas edições, nomeadamente nas recolhas poéticas, obedecendo a criteriosas reordenações poemáticas em círculos (*Lira de Bolso, As Lições do Fogo*), ou em ciclos (*Sonetos do Cativo*), jogando com a simbologia dos números quatro, sete e nove, de clara reminiscência pitagórica, cabalística ou dantesca. O ritmo, a musicalidade, a mestria das rimas assonantes, o superior domínio da metáfora e da aliteração, coadjuvadas pela antítese, ou mesmo pelo paradoxismo, conferem uma personalidade singular à poesia davidiana, de perfeito recorte clássico, obedecendo, todavia, a princípios *sui generis*, nomeadamente ao nível da metrificacão, fazendo de D.M.-F., porventura, o mais clássico dos nossos poetas modernos.

A obra davidiana edifica-se sobre um complexo sistema de vasos comunicantes, orquestrados pela memória interna da obra, em contraponto de harmonizações sinfónicas ou diafónicas. Com efeito, os elementos itinerantes constituem um dos aspectos mais interessantes da implícita ou explícita rede comunicante, como é, nomeadamente, o caso das obras, poética e ficcional, *Os Quatro Cantos do Tempo* e *Os Quatro Estações*, ou do poema intitulado “Romance das Mulheres de Lisboa no Regresso das Praias”, cujo primeiro verso – “Em terra, tantas gaiotas!” – inverte e subverte o título do seu primeiro volume de ficção narrativa, considerado como de novelas, mas que resultou de um trabalho de reconstrução de um anterior romance, razão por que certas personagens transitam de umas narrativas para as outras, em completa subversão da linearidade temporal do primitivo texto.

O onirismo d’ *Os Amantes e Outros Contos* encontra-se inscrito em embrião n’ “A Recordação de Panflakaio”: “Sonho que sonho o que sonho” é um verso da poesia “Argumento”, inserta em *Os Ramos Os Remos*, a qual traduz precisamente a situação onírica que sustenta a arquitectura do conto “Os Amantes”. Conquanto seja o erotismo o filão mais reconhecido na obra de D.M.-F., esta está longe de se reduzir àquela temática. Outras linhas se entrecruzam na memória, na meditação sobre a morte, no culto dos lugares, não apenas como sagradas relíquias do tempo, mas ainda como espaços de reflexão do sujeito, em processo de perda.

Parafaseando um conhecido poema, de *Matura Idade* – “E por vezes” – (justamente seleccionado como símbolo davidiano para a antologia *Rosa do Mundo – 2001 Poemas para o Futuro*), a angústia torna-se obsidiante imagem de fundo, que traz para o primeiro plano um sujeito que se vê através do olhar feminino e que, por vezes, se encontra e que, por vezes, se perde. Tântalo que não sacia a sede – destino que um deus lhe segredou. Fulguração do instante, revolta pelo fogo que se extingue, que não dura, mas que

resiste, sendo apenas o que resta do desejo de eternidade. Na poesia davidiana o sujeito não ama porque existe, mas para que exista. E existe para sentir, por vezes, o prazer de se dissolver e ciclicamente renascer. As formas de diluição no mar – água primordial, por vezes metáfora da mãe e

memória do tempo antes do tempo –, ou as formas de diluição em terra – evasão, viagem, mudança – serão ainda uma outra forma de perdição e renascimento de quem se procura procurando, por vezes ganhando e, por vezes, perdendo ao jogo da vida. Condição trágica de quem ironicamente fica preso à busca da liberdade, como um Ícaro condenado aos trabalhos de

Sísifo: “há-de tudo prender-se aereamente solto”, lemos na “Ars Poetica”, inserta em *Do Tempo ao Coração. Os Ramos Os Remos* inscrevem, a partir do título, a fixidez e a flutuação. Ramos da árvore que prende, remos do barco que deriva.

De uma outra forma, mais directa, de acordo com o registo escolhido, o sujeito assumirá a condição de errância na autobiografia fragmentária acoplada a um livro de aforismos sobre a sedução que muito oportunamente intitulou *Jogo de Espelhos*: “Sente-se, desde sempre, mais estável no movente que no fixo” (fragmento II). D.M.-F. deixa em “Testamento” a fuidez do verbo, a instabilidade do sentido, o calor da lava e o frio da cinza. O nada transmutado em tudo, o nada retomando a cor do infinito na “Ladainha dos Póstumos Natais”.

Como ensaísta, cronista e crítico literário, deixou-nos ainda dezassete clarividentes volumes, entre os quais o intitulado *Discurso Directo* que David classificava como um indirecto auto-retrato e por isso considerava o mais indicado para quem quisesse principiar a conhecê-lo, para além da obra de divulgação e tradução intitulada *Imagens da Poesia Europeia*, elaborada a partir de um programa homónimo que, como outros de sua autoria, intitulados *Miradouro, Momento Literário, Música e Poesia, Hospital das Letras*, lhe granjearam grande popularidade na Rádio e na Televisão. As recém-publicadas *Vozes da Poesia Europeia I, II, III*, compilam a maior parte do seu trabalho como excepcional tradutor, sendo que cada texto traduzido se metamorfoseia de forma original num autêntico poema de D. M.-F.

A comunidade literária soube reconhecer o seu valor atribuindo-lhe onze prémios literários: três de Poesia, dois de Conto e Novela, quatro de Romance, um de Teatro e ainda um outro de Ensaio. As obras de D.M.-F. encontram-se traduzidas nas principais línguas europeias. ▀

A obra davidiana edifica-se sobre um complexo sistema de vasos comunicantes, orquestrados pela memória interna da obra, em contraponto de harmonizações sinfónicas ou diafónicas.